

executado em termos rigorosamente técnicos, sem a fragmentação de recursos de que se revestiam as obras anteriormente concretizadas.

Em 1968, espontaneamente, afastou-se de qualquer atividade política, embora frequentemente fosse consultado sobre problemas de real magnitude, pelo seu velho colega Artur da Costa e Silva, 29 Presidente do período revolucionário, após 1964.

Se é certo que a nossa vida pública, com o seu retraimento, deixou de contar com vulto exponencial, as letras voltaram a ocupá-lo, intensamente, na faixa extenuante da memorialística.

O ensaísta que estreara em 1927, com "A Guisa de Depoimento" e editara posteriormente trabalhos como "Petróleo para o Brasil", "Átomos para o Brasil" e "Organização para o Brasil", inclinara-se por outro estilo literário, que lhe assegurou uma autobiografia de importantes ocorrências, incorporadas, pela autoridade do autor, ao repositório dos Registros Históricos do Brasil.

Hélio Silva, reportando-se às Memórias de Juarez Távora, resalta:

"É o depoimento verdadeiro, corajoso, digno de quem relata, honestamente, o que fez e porque fez, para que aprendam da sua experiência."

E a seguir, afirma:

"Aprendeu que a liberdade é o primeiro e o último bem do homem, o verdadeiro sinal do Deus de sua crença..."

O próprio Juarez, na introdução ao volume I, de seu livro, assevera:

"...um depoimento desapaixonado sobre os desafios e incompreensões com que teve de defrontar-se a minha geração."

Da leitura atenta de suas Memórias, descobrem-se características personalíssimas do bravo Tenente.

Não é apenas o revolucionário impregnado do desejo de triunfar sobre o arbitrio, o desvario de oligarquias, a opressão, os desmandos, a corrupção governamental.

Não é somente o militar identificado com os seus companheiros de farda e com eles permanentemente solidário, como em 22, 24 e 30.

Não é unicamente o político que repudia a conquista fácil da popularidade, à custa de comprováveis manifestações demagógicas.

É também um homem de rara sentimentalidade, que já aos 12 anos, deixando o convívio da família, não se encorajava a erguer-se da montaria que cavalgava para o último aceno à mãe, a qual, do pórtico da casa senhorial da fazenda, ainda balbuciava a prece que dirigia a Deus, em favor dos filhos que partiam em demanda de outras plagas.

É aquele mesmo cidadão que amava a prima Nair, cleita de seu coração e mãe de seus quatro filhos, de quem em João Pessoa aguardou, com incontinida ansiedade, o cabograma com que anuiria à proposta formal de noivado.

Ao falecer o seu precioso irmão, o ex-Senador Fernandes Távora, coube a mim, Deputado à Assembléia Legislativa do Ceará, o encargo de fazer-lhe o necrológico, durante sessão especial efetuada como homenagem póstuma do povo alencarinó ao ilustre parlamentar.

A ilustrada família Távora, ali presente, notadamente pelo irmão Ademar, e os sobrinhos Amílcar, Moema e Virgílio, fez chegar às mãos do inclito Marechal a oração proferida, que estava, por razões óbvias, muito aquém dos incontáveis méritos do extinto.

Algum tempo depois, recebia de Juarez um significativo telegrama, no qual me era expressado o seu "penhorado agradecimento" ao justo enaltecimento que fizera de Manuel do Nascimento Fernandes Távora.

Não mais me foi possível obter, até a sua morte, notícias do grande revolucionário, de quem então me aproximara exclusivamente pela leitura de suas memórias, edificado com o admirável exemplo que legara aos seus contemporâneos e que chegará, na

grandeza das páginas que escreveu, a sensibilizar igualmente as gerações porvindouras.

Sr. Presidente, Srs. Senadores:

O Movimento Democrático Brasileiro associa-se ao pesar nacional pelo desaparecimento de Juarez Távora.

E o faz certo de que reverência uma figura insigne de nossa vida político-militar, que, com destemor e firmeza inflexíveis, empenhou-se em favor das liberdades públicas e da renovação dos costumes.

A ele, que deve estar usufruindo a paz dos justos, na "borda" mais elevada do "Altiplano" que sonhara, o preito imorredouro do nosso respeito e da nossa gratidão. **(Muito bem! Muito bem! Palmas prolongadas. O orador é cumprimentado.)**

O SR. PRESIDENTE (Magalhães Pinto) — Concedo a palavra ao nobre Senador Luiz Viana, que falará em nome da Aliança Renovadora Nacional.

O SR. LUIZ VIANA (Bahia—ARENA) (Em nome da ARENA, pronuncia o seguinte discurso.) — Sr. Presidente, Srs. Senadores, Srs. Oficiais-Generais, família Juarez Távora:

Conheci Juarez Távora em 1930, quando ele chegara à Bahia, empunhando a bandeira vitoriosa da Revolução. Vi-o então com aqueles olhos de emoção e admiração peculiares à mocidade. De fato, para a juventude nordestina de então, era ele o símbolo maior do heroísmo. Sob esse aspecto ninguém o excedia a lenda como que lhe envolvera a personalidade. A própria natureza o distinguira pela estatura incomum, o porte ereto e vigoroso, a angulosa e voluntariosa fisionomia. E o lenço vermelho confundindo-se com a túnica do militar completava a imagem do herói.

Por esse tempo ainda não assentara a poeira do movimento revolucionário da Aliança Liberal. O que perdurava era o entusiasmo pela vitória que sepultara a malsinada República Velha. E ninguém ignorava o papel de Juarez Távora na organização e na deflagração do movimento que rapidamente avassalara todo o Nordeste. Coubera-lhe partir da sacrificada Paraíba, onde José Américo de Almeida se tornara o líder, após o assassinio de João Pessoa, para ir fincar no Recife, aguardado por Carlos de Lima Cavalcanti, a flama triunfante da Revolução. Mas, o seu glorioso pedestal não era apenas aquele êxito recente e inesperado. Era mais alto e mais antigo: vinha de 1922 e de 1924, quando São Paulo se levantara, sob o comando do General Isidoro Dias Lopes. E ao longo de oito anos de lutas, de prisões, de evasões, de sacrifícios, Juarez Távora conquistara a imaginação e o reconhecimento do País, principalmente dos seus irmãos do Nordeste, onde nascera no seio de família tradicional e ilustre. Cedo incorporara-se, porém, à pleiade de jovens militares, cujas vidas se confundiriam por meio século com o destino e a renovação do Brasil — a radiosa constelação onde se inscreveram os nomes de Siqueira Campos, Newton Prado, Cordeiro de Farias, Eduardo Gomes, Juarez e Joaquim Távora. Um punhado de heróis a que o patriotismo não permitiu conhecer a mocidade, que alguns trocaram pela morte. Davam a vida como se nada lhes custasse dá-la, pois a eles somente importava a grandeza da Pátria. E por anos a fio, como se buscasse com o próprio sacrifício redimir os erros e os sofrimentos dos seus contemporâneos, Juarez Távora se votou integralmente à aventura revolucionária, participando das incomparáveis páginas da Coluna Prestes, que cruzou o Brasil em todas as direções até se perder nos contrafortes dos Andes, onde se confundiu com a imortalidade. Feito somente comparável à Retirada dos Dez Mil, na antiguidade, ou, mais próximo de nós, à Retirada da Laguna, embora qualquer deles pareça modesto diante daqueles dois anos de sofrimentos e marchas através do árido e móspito interior do País. Dois anos durante os quais desafiaram o poder do Governo, e nos quais nada tendo para dar desfaldaram uma bandeira maravilhosa de esperança, que marcou os caminhos do futuro. A Nação amadurecia para a Liberdade. Não admira, portanto, que ao levantar, na Paraíba, a flama da Revolução, já estivessem de antemão vencidas todas as resistências. Abatera-as o idealismo daqueles jovens cujo

sacrifício os fizera invencíveis. A caudal foi irresistível. Escreveu João Neves da Fontoura, o admirável tribuno da Aliança Liberal, ser o prestígio de Juarez Távora, na ocasião, guardadas as proporções, apenas comparável ao de Napoleão Bonaparte após a campanha da Itália. Ninguém o ombreava na fama arduamente conquistada: na realidade tornara-se um mito de vitória. Fora, porém, áspere a caminhada, custosa a ascensão até aquelas cumeadas, donde começava a divisar o progresso da nacionalidade. De fato, a contar do levante da Escola Militar, que assim marcara a sua solidariedade ao épico sacrifício dos Dezoito do Forte de Copacabana, oito anos haviam decorrido. Oito anos nos quais a Nação acompanhara, passo a passo, a jornada do jovem revolucionário, que somava à sua glória precoce, além das amarguras do exílio, as prisões a que se havia juntado as fugas recamboloscas que corriam de boca em boca, pondo uma nota de mistério, se não de sobrenatural, sobre a figura do herói. Para Juarez Távora a caminhada que ele tão bem denominaria: "A Grande marcha através do Brasil", e que, ainda hoje, se nos afigura episódio quase lendário, tanto seria impossível repeti-lo, terminou com a sua prisão na Capital do Piauí. Era a anteparta do degrado na ilha da Trindade, onde contrairia enfermidade que o atormentou pelo resto da existência. Após meses no inhóspito penhasco, mancha de terra a 800 milhas do litoral do Espírito Santo, transportaram-no para o Rio. Ficaria preso na Ilha das Cobras, donde não demorou a evadir-se, vencendo a empenhada vigilância governamental. A lenda começava a tecer. E as mais diversas versões, todas elas enaltecendo o fugitivo, envolveram o episódio.

A liberdade foi o caminho do exílio. Juarez Távora partiu para Montevidéu, reuindo-se aos conspiradores chefiados por Isidoro Dias Lopes, e meses foram divididos entre o Brasil e o Prata, a serviço dos ideais revolucionários, até ser novamente preso, no Rio, e recolhido com outros conspiradores, entre os quais Eduardo Gomes, à inexpugnável Fortaleza de Santa Cruz. Na ocasião já se prenunciavam os acontecimentos que culminariam em outubro de 1930, e o prisioneiro não pensou senão em recobrar a liberdade, para retomar a aventura. Ao Tenente Juracy Magalhães, que então o visitou, e partia com Agildo Barata para a Paraíba, afirmou que fugiria a tempo de a eles se reunir, para assumir a chefia da Revolução no Nordeste. De fato não demorou que, em pequeno barco adquirido e pilotado por Ari Parreiras, ainda uma vez retomasse ele o caminho da liberdade. Seria o passo derradeiro a caminho da vitoriosa Revolução, que liderou, planejou e comandou na área do Nordeste. A República Velha perdera a capacidade de resistir. Faltava-lhe o ânimo para se opor àquelas forças novas, acumuladas ao longo de oito anos de sacrifícios, de propaganda, de decepções e esperanças. Uma onda de crescente insatisfação espalhara-se por todo o País, que aspirava a novos caminhos, cortando as amarras com um passado marcado pelo domínio de oligarquias e a ilegitimidade da representação política. E, na imaginação da juventude e das camadas populares, ninguém encarnava melhor, entre os que sobreviviam fiéis à bandeira da Aliança Liberal, aqueles generosos ideais consubstanciados no lema de Assis Brasil — "Justiça e Representação" —, do que aquele herói, bravo e puro, que, já coroado pela Glória, ganhava agora os louros da Vitória.

Seria ele — assim o aclamaram as multidões fascinadas e reconhecidas — o Vice-Rei do Norte. Por mais que o desejasse, não lograra desvincular-se dos pesados encargos decorrentes do triunfo. Chegara a hora difícil de reconstituir. Sobre as ruínas do que fora abatido tocava levantar uma sociedade nova. E no conselho dos vencedores, ninguém se julgava preterido ao saber que a Juarez Távora, em toda a imensa região estendida do Espírito Santo ao Amazonas, devia caber o posto mais alto, o mais trabalhoso, e o mais responsável. Possivelmente terá sido o seu momento mais difícil. Não faltaram sequer os que haviam imaginado fazê-lo repartir com Getúlio Vargas o governo do País. A verdade, porém, é que, invariavelmente, conduzido por um idealismo jamais maculado por qualquer laivo de ambição, Juarez Távora se dava por bem pago ao depor aos pés da

Nação, que o saudava, a laura da vitória conquistada. Para o idealista, servir, lutar, vencer, eis o que importava.

O triunfo ia, porém, revelar uma nova face do herói. Frequentemente não convivia na mesma personalidade aquele que é feito para destruir e o que é capaz de construir. Em Juarez Távora, entretanto, graças a rara combinação, se reuniam a alma do revolucionário e a do reformador que tinha a paixão de construir. Observou alguém que, para agir, tomara ele como norma a fórmula de Danton — "só se destrói o que se substitui". E Juarez Távora tinha a perfeita consciência de que, sobre as ruínas do velho Brasil da Primeira República, era necessário levantar uma outra Pátria, mais livre, mais justa, mais forte. Daí por diante, embora somente bem mais adiante pretendesse abandonar a clava do destruidor, o seu maior esforço voltaria-se justamente para a tarefa ciclópica de erguer uma Nação planejada em novas dimensões.

Era uma nova visão do Brasil. E o fugir até então ocupado pelo revolucionário seria tomado pelo administrador, o planejador, o organizador, o pensador. Por mais de quatro décadas Juarez Távora poria ao serviço do Brasil não somente aquele puro idealismo, no qual, por vezes, não seria difícil encontrar certa nota de ingenuidade, que mais lhe acentuava o altruísmo, mas vigorosa inteligência voltada para os grandes problemas da nacionalidade.

Administrativamente, a sua primeira grande missão foi o Ministério da Agricultura, que reorganizou. Contudo, não será demais recordar que ao seu patriotismo, à sua coragem e à sua competência deveu o Brasil o Código de Água e o Código de Minas, ambos de julho de 1934. Para lhe assinalar, de maneira indelevel, a passagem pelo Ministério, não precisaria ter feito mais. Muita coisa possível de realizar no Brasil daí por diante no campo da mineração e da energia hidráulica somente o foi por haverem aqueles Códigos destruído velhas estruturas, que impediam ou deturpavam as iniciativas. Por certo muito lhe terá custado levar a bom termo tarefas de tal magnitude, contrariando interesses e preconceitos. Nada se constrói, dentro das comodidades fáceis do conformismo. E Juarez Távora por toda a vida seria um inconformado. Um inconformado para o qual as conveniências estavam sempre muito abaixo dos interesses públicos.

Não desejo esquecer aqui o organizador, pois esse foi dos traços mais vivos e importantes da sua formação, e também da sua atuação como homem público. Possivelmente inspirado em Alberto Torres, compreendeu Juarez Távora ser fundamental para o Brasil, dadas as suas dimensões, as suas riquezas potenciais, a sua própria posição geográfica, a importância de nos atermos a um modelo nacional de organização. Um modelo que fosse nosso, que refletisse nossas possibilidades, e, sobretudo, nossas aspirações. Uma organização que não fosse copiada, mas concebida por nós próprios. Teve ele idéia muito nítida de ser imprescindível abandonarmos o empirismo em que estávamos mais ou menos mergulhados, para nos voltarmos para uma efetiva organização nacional. Partindo da idéia matriz da Segurança Nacional, inseparável de tudo quanto se deseje fazer pelo Brasil, ambicionava ele nos preparar para uma democracia cristã, isto é, uma democracia concomitantemente política, econômica e social.

Com esse objetivo pensou, escreveu, ensinou, pelejou. Trabalhou com os olhos no futuro. Por isso mesmo, ao publicar o importante trabalho sobre a "Organização Nacional", dedicou-o à mocidade universitária do Brasil, "a cuja cultura, entusiasmo e patriotismo deve caber um lugar de destaque na propaganda e na defesa dos ideais de renovação". Trabalho do qual se me afigura valioso complemento o que editou mais tarde sobre "Uma política de desenvolvimento para o Brasil", e no qual traçou amplo panorama da nacionalidade, nas suas riquezas, na sua gente, na sua estrutura política, no seu destino, e no qual colocou a educação como a base de toda a grandeza e de todo o bem-estar do povo. "Eduquemos o nosso povo", dizia, pois somente assim será o Brasil "um novo plexo de civilização mundial".

Em verdade era essa a ambição do idealista. "O grande sonho da minha vida — escreveu — constantemente adiado". Quem não saberá que o ideal é inatingível? Contudo, somente perseguindo-o é que dele nos aproximamos, vencendo incompreensões, esquecendo conveniências, por vezes colhendo decepções. Dir-se-ia que o sofrimento é inseparável dos idealistas. Carlyle fez esta observação: "É impossível que um grande homem haja sido outra coisa que não verdadeiro... Eu diria que a sinceridade, uma profunda, grande, ingénua sinceridade é o primeiro traço de todos os que são de algum modo heróicos..." E ninguém foi mais sincero do que Juarez Távora. Sincero, autêntico, sério, não conhecia o superficial, indo sempre ao fundo das coisas. Mas, já que vos falei do espírito do organizador, creio ser oportuno lembrar aqui o Comandante da Escola Superior de Guerra. Há instituições que têm boa estrela. Dentre elas devemos incluir esse benemérito centro de Altos Estudos Brasileiros, cujos serviços ao Brasil são inestimáveis. A nossa "Sorbonne", denominaram-na por vezes em tom de remoço. A nossa "Sorbonne", sim, como alta e digna expressão de uma cultura brasileira voltada para os grandes problemas da nacionalidade, e que teve a ventura de contar, na sua direção, com uma seqüência de ilustres militares a cuja inteligência, dedicação, capacidade, e descortino muito deve o País. Fundada por essa grande figura de brasileiro que é o Marechal Cordeiro de Farias, a este logo se seguiu no Comando o Marechal Juarez Távora, que, por muitos títulos, era também o homem certo no lugar certo. Ainda recentemente, outro eminente Comandante daquele Centro de Estudos, o Ministro Augusto Fragoso, assinalava que "à circunstância de ter tido como seus dois primeiros Comandantes as figuras exponenciais de Cordeiro de Farias e de Juarez Távora ganhou a Escola, rapidamente, nas elites do país, um elevado conceito". Realmente assim foi, e assim continua a ser, pois às virtudes dos seus dirigentes reúne ela a filosofia que se condensa — valho-me aqui ainda do Ministro Fragoso — em três princípios básicos: fidelidade intransigente à Democracia; preponderância sempre do legítimo interesse nacional sobre qualquer outro; valorização do homem brasileiro, considerando sempre como agente, instrumento e objetivo do "Desenvolvimento".

Para quem se habituara, melhor diria se apaixonara em pensar sobre o Brasil e para o Brasil, não haveria missão mais tentadora do que essa de dirigir e orientar tão importante núcleo de estudos. Juarez Távora chegava então à maturidade, senhor de inestimável cabedal de conhecimentos, observações e experiências pessoais. Certamente, podia sentir-se à vontade para realizar a eficiente gestão para a qual, recordou ele nas suas Memórias, contou, "por suas qualidades excepcionais", com a colaboração dos Coronéis Rodrigo Otávio e Ernesto Geisel, o Tenente-Coronel Golbery do Couto e Silva, este último tido como "o precursor e principal formulador das idéias que, ao longo da década de 50, constituíram o núcleo da doutrina da Escola Superior de Guerra".

Foi fecunda a fase de Juarez Távora à frente da Escola. Rica de iniciativas e realizações, ele emprestou à missão aquela nota de seriedade, de desinteresse pessoal, de patriotismo que lhe marcou toda a gloriosa existência. O certo é que a função era adequada para que continuasse a pensar no Brasil com o entusiasmo de sempre. Nisso parecia não envelhecer. Apesar de conservar o porte vigoroso, já lhe apareciam os primeiros cabelos brancos. Mas o patriota, vibrante, convicto, caloroso, permanecia o mesmo da mocidade. Para melhor conhecimento dos objetivos que o orientaram na direção da Escola, é oportuno recordar estas palavras que proferiu por ocasião da diplomação dos estagiários, em dezembro de 1953: "Numerosos e graves são os problemas cuja solução o exame da conjuntura nacional está a impor, com urgência, à nossa geração. Não há como ignorar tais problemas, ou tentar iludir, com subterfúgios, sua gravidade. Impõe-se, ao contrário, que os ataques de frente, corajosamente, sob pena de desacreditar-nos como elite, perante o povo, por cujo destino somos responsáveis..." O tempo, os estudos, a vida não o haviam tornado menos incomformado diante dos problemas que afligiam o País, a reclamarem alguma solução. Longe disso, certo de que a

Segurança Nacional está presa a "uma política nacional vitoriosa", Juarez Távora cada vez mais se voltava para o estudo, a análise dos grandes problemas nacionais, inclusive o da representação política. Nisso, aliás, jamais variou: nasceu e morreu acreditando na democracia como a fórmula compatível com a dignidade humana.

Em seguida ainda insistirei, embora de passagem, sobre o democrata. Antes desejo, porém, lembrar aspectos do incansável estudioso dos problemas brasileiros. Em verdade não houve nada de importância para o Brasil que não merecesse o estudo e a meditação de Juarez Távora. Desde o planejamento, hoje tão integrado na administração pública a partir do Governo Castello Branco, mas anteriormente relegado a segundo plano, ou pelo menos a fato episódico, incapaz de disciplinar e orientar o poder público, até o problema do átomo, tudo foi por ele perquirido e pensado. Foi ele assim um homem do seu tempo e para o seu tempo. Sobre o petróleo, por exemplo, comecei eu a tratar ao tempo do Ministério da Agricultura para nunca mais voltar as costas ao tema fascinante. Fê-lo com aquela integridade, aquela bravura cívica que jamais o abandonariam. Não se sentia manietado por um falso nacionalismo, ou pelo receio de incorrer nas iras dos que viam no assunto arma política antes de ser arma do interesse nacional. Assim, ao reunir, em 1954, sob o título "Petróleo para o Brasil", uma série de conferências e escritos, não se esqueceu de afirmar que representavam trabalhos feitos "sem complexos de inferioridade, sem vãos temores, sem preconceitos, só pensando no Brasil, e agindo pelo Brasil". Por toda a vida ele permaneceria indiferente a qualquer outra razão que não fosse a do que lhe pareceu o bem público.

É realmente admirável a coragem com que, num tempo em que muitos eram oprimidos pela propaganda xenófoba, desprezou todos os obstáculos à redenção do homem brasileiro, para resgatá-lo "da miséria física e do atraso social a que tem sido relegado". Salvar o homem brasileiro e proporcionar ao solo pátrio, pelo combate à erosão, pelo reforestamento, pela rega e fertilização, uma pausa no saque desapiedado com que o vimos devastando há mais de quatro séculos", eis as metas que buscou na sua prédica pela racionalização da produção brasileira. Nesse propósito seria ele infatigável. E a ele sabiamente associou a solução dos nossos problemas de transportes, ainda hoje onerosos, se não proibitivos para adequada circulação das riquezas nacionais. Daí haver emitido este conceito sobre problema tão essencial ao Brasil. "Sua solução — que considero fundamental para o progresso econômico-social do povo brasileiro e para a segurança nacional — pode e deve constituir um dos temas quotidianos da atividade de nossa geração". Na realidade talvez devesse ser o café da manhã dos governantes brasileiros.

Havendo-se dedicado aos problemas de energia, que buscara atender pelo melhor aproveitamento das águas, e também pelo incremento à produção de petróleo, Juarez Távora foi naturalmente levado à energia nuclear, cuja solução, volvidos vinte anos, desponta, graças aos acordos realizados pelo eminente Presidente Ernesto Geisel, e suficientes para lhe imortalizarem o Governo. Desse setor recolheria Juarez Távora amargos dissabores, pois, em verdade, somente os apáticos, os indiferentes, os conformados logram fruir da tranquilidade. É que estes não aram a terra, não semeiam, e, portanto, não contrariam, do mesmo modo que nada produzem. Távora era o oposto desse homem passivo e inerte. O seu natural era a iniciativa, a ação, o debate. Tinha o prazer da semeadura, e esperava as alegrias da colheita. Síntese das suas amarguras, dos seus sofrimentos, e das suas lutas em campo tão relevante para a vida das novas gerações é o livro editado há quase duas décadas — "Átomos para o Brasil". Prova de que há vinte anos Juarez Távora já despertara para o grave problema de cuja solução muito dependerá o futuro dos brasileiros.

Mas, se muito se ocupou e preocupou com os aspectos do desenvolvimento material do Brasil, menores não foram os seus interesses em relação às instituições políticas, que asseguraram a liberdade e a dignidade do cidadão. Sob esse prisma, toda a sua longa e laboriosa vida é uma luta indefectível em favor da democracia. Que é 22 senão

um protesto contra as prepotências das oligarquias? *Que é 24* senão o primeiro passo para o voto secreto e universal, alicece de qualquer democracia? Do mesmo modo que a Revolução de 1930, tão rica de transformações para a vida brasileira, trazia no bojo dos seus postulados a legitimidade da representação política então abastardada pelo voto expresso através do bico de pena. De fato, conforme observou o próprio Juarez Távora, a Revolução se processara "com sérios compromissos de natureza política, econômica e social". Compromissos que desaguardiam, na efêmera Constituição de 1934 incapaz de resistir aos embates da sucessão presidencial. A verdade é não ter ele alimentado ilusão quanto ao despenhadeiro de que nos aproximávamos. E junto a Juracy Magalhães e Carlos de Lima Cavalcanti, seus amigos, e então responsáveis pelos governos da Bahia e de Pernambuco, tudo ele fez para evitar o pior, que era a ditadura, à qual seriam ambos imolados. A este último escreveu ele, em maio de 1937: "Creio que vivemos momento crítico para a democracia no Brasil. E é mister que saibamos vivê-lo". Felizmente, alguns o souberam viver.

O golpe se tornara, porém, inevitável. E Juarez Távora assim exprime os sentimentos que o dominaram na triste manhã de 10 de novembro: "haviám malgrado das esperanças de aperfeiçoamento democrático, acalentadas pela vitória revolucionária de 1930, pois, tentando eliminar uma elite oligárquica, encaminhámo-nos para substituí-la por uma outra autocrática". Para reagir, houve, porém, que esperar se encerrasse o cataclisma da Segunda Guerra Mundial. Oito anos correram até a derrota do fascismo. E Juarez Távora logo voltou a estuçada para ajudar a redemocratização do Brasil. Pregava ele então junto aos companheiros um incessante trabalho "para garantir a única saída pacífica e decente que comportava a situação existente, para as Forças Armadas, suas fiadoras — a realização de eleições livres e sérias".

Getúlio Vargas não demorou em deixar o poder a que tanto se apegara. O que se imaginara, porém, um epílogo seria apenas um intervalo, e voltando ao Governo, em 1950, Vargas logo inquietaria a Nação com as sombrias perspectivas de nova ditadura, que Juarez Távora fez tudo por evitar, sobretudo pregando a unidade das Forças Armadas na defesa das instituições. Ainda aí sobrevivia o democrata. Desiludiu-o, porém, o trágico desfecho de agosto de 1954. Talvez até imaginasse, então, retirar-se da cena. Esse não seria, entretanto, o seu destino. E vitoriosa a Revolução de 1964, que o encontrou integrando e honrando a Câmara dos Deputados, novamente a Nação o convocaria para os seus altos quadros. A ambição não toldava, entretanto, a alma do idealista. E ele logo conveio em que estava disposto até a "carregar pedras", uma vez que o movimento não descambasse para um regime ditatorial. Sob essa condição assumiu a árdua pasta da Viação, talvez a mais pesada na ocasião. Nada o faria afastar-se da defesa da democracia. Em 1965, sendo inevitável a edição do Ato Institucional nº 2, somente foi possível obter a concordância de Juarez Távora quando o Presidente Castello Branco lhe assegurou que jamais aceitará um poder ditatorial. Vivera bastante para saber que as ditaduras podem ser apresentadas como remédios de emergência, mas nunca significaram a duradoura felicidade dos povos.

Tendo feito tantas cousas, e tão grandes cousas, Juarez Távora jamais perdeu a modéstia. Dir-se-ia que a vaidade não lhe rondou os passos. Do mesmo modo que desconheceu a malícia. Os embates da vida, que não raro tornam as almas amargas, em nada mudaram a personalidade do idealista puro, sempre inspirado pelo desejo de servir. O herói permaneceu humilde e impoluto, como é próprio dos que são verdadeiramente grandes. O tempo não lhe perturbou a marcha retilínea em busca dos ideais acalentados na juventude.

Pouco antes de concluir o belo e extraordinário périplo que marcou a sua passagem pela terra, honrou-me Juarez Távora com um convite para que lhe prefaciasse o terceiro volume das suas "Memórias", testemunho de uma existência toda ela voltada ao bem da Pátria. Tenho assim o privilégio de já conhecer a parte final desse admirável depoimento para a História. Dele, entretanto, não desejo

fixar, neste momento, senão algumas páginas que, na sua pureza e na sua beleza, nos dão um retrato em corpo inteiro do cidadão íntegro, do patriota sem jaça, do homem virtuoso. Refiro-me àquelas em que, de modo simples, e, como se narrasse os fatos mais banais e naturais do mundo, nos dá conta das suas dificuldades financeiras para atender aos reclamos da saúde calamitosa. Sim, aquele homem que durante mais de meio século prestara ao Brasil altos e relevantes serviços não dispunha, ao fim da vida, dos recursos necessários para um imprecindível tratamento no estrangeiro, e devia lançar mão, não de economias, pois ele não dispusera de tempo para as amearhar, mas de objetos do seu lar. Não faço o elogio da pobreza. Mas, não deixo de acentuar o que há de emocionante e extraordinário nesse rude episódio da vida do grande cidadão. Voltado exclusivamente ao serviço da Pátria, não cuidara ele de se preparar para as eventualidades do amanhã. Afinal, devia saber que acabamos por não precisar mais do que de sete palmos de chão.

Mas, de qualquer modo, é de assinalar que, diante de tão rude injustiça da vida, não enunciasse a mais leve ou discreta palavra de lamento, de amargura, ou de revolta. Aceitava a provação como somente podem fazê-lo os que reúnem ao idealismo a fortaleza de ânimo. Era como se ela não o alcançasse. É que nele tudo era grande. Era grande o militar como era grande o revolucionário. Era grande o homem do governo como era grande o cidadão. Creio, porém, que o cidadão era ainda o ponto mais alto da sua personalidade, pois este era incomparável.

O Sr. Lázaro Barboza (Goiás—MDB) — V. Ex^a me honra com um aparte, nobre Senador?

O SR. LUIZ VIANA (Bahia—ARENA) — Pois não.

O Sr. Lázaro Barboza (Goiás—MDB) — Senador Luiz Viana, realmente o Marechal Juarez Távora foi um grande homem. Juarez Távora foi um grande militar; um bom chefe de família; um patriota e, sobretudo, um homem profundamente humano. Combatendo o arbítrio, nunca foi um arbitrário. Membro da Comissão sumária, criada pela Revolução de 1930, para apurar crimes contra a Administração, Juarez Távora relata, no seu livro de memórias, a sua negativa em permitir a instauração de mais um dos muitos processos que se instauraram contra parlamentares que votaram pela depuração de candidatos aliancistas. E ele o faz de forma magistral, expondo as razões por que discordara; mais ou menos nas seguintes palavras, disse Juarez Távora: "Durante oito anos peregrinei sem tréguas e desalentos na via crucis que marca a encosta do calvário dos vencidos. Conheço-lhes todos os seus desvãos, agruras e sacrifícios. E posso dizer que nenhum é mais atroz e desalentador que a justiça unilateral dos vencedores quando pretende esmagar, sob o peso dos seus arestos, as razões que os vencidos invocam para justificar os seus atos." Juarez Távora foi, nobre Senador, um exemplo dignificante de grandeza moral, combatente intímido. Não conheceu o ódio e ansiou sempre por um Brasil verdadeiramente democrático, grande e fraterno. Vivo, já era uma legenda; morto, tomou o lugar que a sua vida de muitas lutas lhe reservou no panteão da História.

O SR. LUIZ VIANA (Bahia—ARENA) — Agradecido pelo aparte com que me honrou e distinguiu o nobre colega. Continuo, Sr. Presidente.

O Sr. Franco Montoro (São Paulo—MDB) — Permite V. Ex^a um aparte?

O SR. LUIZ VIANA (Bahia—ARENA) — Pois não!

O Sr. Franco Montoro (São Paulo—MDB) — Apenas para incluir no brilhante discurso de V. Ex^a — que juntamente com o Senador Mauro Benevides e em nome do Senado homenageiam a figura de Juarez Távora — o meu depoimento, companheiro que fui de Juarez Távora como Deputado Federal. V. Ex^a se referiu à pobreza do grande General que foi o Vice-Rei do Norte, Ministro de Estado várias vezes. Quando Deputado Federal, da Bancada do